

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SAGRADO CORAÇÃO

SÍLVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

ANÁLISE HISTÓRICA E MORFOLÓGICA DA FORMAÇÃO URBANA DOS
MUNICÍPIOS DE AGUDOS/SP E PEDERNEIRAS/SP

BAURU
2022

SÍLVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

**ANÁLISE HISTÓRICA E MORFOLÓGICA DA FORMAÇÃO URBANA DOS
MUNICÍPIOS DE AGUDOS/SP E PEDERNEIRAS/SP**

Monografia de Iniciação Científica do
Curso de Arquitetura e Urbanismo
apresentado à Pró- reitoria de Pesquisa e
Pós-graduação do Centro Universitário do
Sagrado Coração.

BAURU
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com
ISBD

O482a

Oliveira, Sílvia Larissa Cardoso de

Análise histórica e morfológica da formação urbana dos municípios de Agudos/SP e Pederneiras/SP / Sílvia Larissa Cardoso de Oliveira. -- 2022.

34f. : il.

Orientador: Prof. M.e Renan Amauri Guaranha Rinaldi

Monografia (Iniciação Científica em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Morfologia Urbana. 2. Patrimônio Religioso. 3. Agudos. Pederneiras. I. Rinaldi, Renan Amauri Guaranha. II. Título.

RESUMO

Desde seu surgimento, a cidade tem grande importância para a sociedade e sua história contribuem para a formação da identidade cada indivíduo que nelas vivem. Com o crescimento de habitantes no ambiente urbano nos últimos séculos, era preciso buscar uma forma de adequar o espaço. Por conta disso, fez-se necessário compreender o modo como essas áreas urbanas foram se adaptando e se modificando de acordo com as necessidades de seus habitantes, chegando à forma atual. O processo de formação das cidades do Centro-Oeste Paulista possuíram grande semelhanças, principalmente em sua parte inicial. Durante o século XIX, os territórios onde hoje são as cidades começaram a ser formadas com a chegada de exploradores de terras e com a presença da Igreja Católica, a qual teve papel de muita influência para o desenvolvimento da formação da área urbana. Entre outros fatores, atividades econômicas como o cultivo de café, também contribuíram para o avanço, expansão e aumento populacional. Desse modo, este projeto de pesquisa tem como propósito o estudo da formação das cidades de Agudos e Pederneiras, ambas integrantes do interior paulista, analisando desde os primórdios de suas histórias, como a vinda dos tropeiros em busca de terras, o papel da agricultura na economia e a importância do Patrimônio Religioso para a fundação e o desenvolvimento das cidades. Com isso, poderá ser compreendida a formação histórica desses municípios e os impactos desse processo na formação urbana.

Palavras-chaves: Morfologia Urbana. Patrimônio Religioso. Agudos. Pederneiras.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2 MATERIAIS E MÉTODOS	8
3 MORFOLOGIA URBANA: BREVE CONCEITUAÇÃO	9
3.1 Formação de cidades: patrimônio religioso	11
4 FORMAÇÃO URBANA DE PEDERNEIRAS E AGUDOS	14
4.1 PEDERNEIRAS.....	14
4.1.1 Atividades Econômicas.....	21
4.1.2 Análise da malha urbana.....	23
4.2 AGUDOS	28
4.2.1 Análise da malha urbana.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da evolução histórica de um município e o estudo da concepção da sua forma urbana, se mostra essencial para o entendimento das problemáticas urbanas contemporâneas, e conseqüentemente a elaboração de possíveis práticas que mitiguem estes problemas.

Conhecer uma cidade não é simples, sobretudo quando ela é vasta e cada época veio depositar, sem maiores precauções, sua marca sobre aquela das diferenças. [...] Conhecer a forma das cidades e reconstituir sua história é também orientar uma maneira de projetar (PANERAI, 2006, p.07).

No capítulo 3, será apresentado, de forma breve, o conceito de morfologia urbana e seu método de estudo, bem como a importância do patrimônio religioso na formação das cidades.

Na sequência, o capítulo 4 abordará os resultados obtidos sobre as cidades de Pederneiras-SP e Agudos-SP, contendo uma breve introdução da história desde a chegada dos primeiros habitantes e, posteriormente a cada história, a análise da malha urbana, possibilitando a comparação das malhas urbanas iniciais com a dos dias atuais.

Por meio dessa pesquisa, tem-se como propósito estudar e documentar a importância de compreender a morfologia urbana para entender a história da cidade e o caminho que foi percorrido para chegar a formação atual, levando em consideração os fatores que auxiliaram na forma de sua malha. Outro ponto importante dessa análise é estimular o município em sua preservação histórica. Além disso, visa contribuir com a valorização patrimonial, a fim de que haja consciência de sua importância e para que a identidade da cidade não se perca.

Portanto, esse estudo busca aplicar o conceito de morfologia urbana, analisando a malha urbana das cidades de Agudos e Pederneiras ao longo das décadas, os fatores na história dos municípios que tiveram influência no surgimento, como o Patrimônio Religioso, e de que maneira esses acontecimentos afetam a configuração urbana até o presente.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A partir da revisão bibliográfica, buscará a compreensão das maneiras de se analisar a forma da malha urbana das cidades, definindo métodos e práticas que melhor se aplicam ao objeto de estudo. Com isso, será realizado um estudo da formação histórica das cidades de Agudos e Pederneiras, e a consequente influência do Patrimônio Religioso e as atividades econômicas que colaboraram para o desenvolvimento desses municípios.

Além disso, haverá um levantamento de materiais como fotografias, mapas e documentos para coletar dados sobre as cidades em questão e as principais edificações, importantes para o patrimônio e para análise da malha urbana. Acervos de pinturas e textos jornalísticos com aspectos importantes das cidades no início de suas histórias também serão consultados. Essas pesquisas serão feitas com o uso da internet, consulta aos arquivos municipais e ao Núcleo de Pesquisa Histórica (NUPHIS) do Centro Universitário do Sagrado Coração.

3 MORFOLOGIA URBANA: BREVE CONCEITUAÇÃO

Pode-se definir a morfologia urbana como a ciência que tem como foco de estudo a forma das cidades, considerando as transformações urbanas que ocorreram ao longo de sua história e que contribuíram para moldar sua forma. Ao fazer essa análise do desenvolvimento, busca-se entender como e de que maneira os processos históricos e os fatores culturais, econômicos, sociais e políticos influenciaram na formação das cidades (ROSANELI, 2011).

De acordo com alguns autores, esse método de análise se estabeleceu como campo de estudo no início do século XX, tendo como influência pesquisas de estudiosos europeus sobre as estruturas que formavam as cidades. Porém, o termo morfologia já havia sido utilizado anteriormente, no final do século XVIII e início do século XX (ROSANELI, 2011).

Em 1894, Johannes Fritz traz em suas análises das cidades alemãs uma inovação: o uso do plano de cidade como proposta de classificação das cidades e, também, como objeto de informação sobre a história urbana. Já na primeira década do século seguinte, Friedrich Ratzel segue a linha de análise do século XIX, mas inclui os motivos e as características que influenciam na escolha do local que origina o espaço urbano (OLIVEIRA, 2016).

Entre os grandes nomes que estudaram sobre a morfologia urbana, temos o alemão M. R. G. Conzen. Seu livro, *Alnwich, Northumberland – a study in town-plan analysis*, publicado pela primeira vez em 1960 e relançado em 1969, é considerado um dos livros mais importantes sobre morfologia urbana. Na obra, Conzen adotou como narrativa alguns problemas: entender como o plano de uma cidade atinge a sua complexidade e quais conceitos podem ser retirados de uma investigação para servir de modelo para estudos de outras cidades (OLIVEIRA, 2016).

Duas características particulares distinguem este livro de outros estudos, anteriores e subsequentes, sobre a estrutura física das áreas urbanas: a extensão com que os processos foram conceptualizados e o modo meticuloso como os termos utilizados para a sua descrição foram investigados (Whitehand, 2009a). A mensagem fundamental do livro é que as inúmeras características morfológicas dos lugares, em todas as escalas, podem ser reduzidas a um sistema lógico de explicação, o que pode levar a uma compreensão incisiva e matizada da relação entre as comunidades urbanas e o tecido físico que elas criam, e recriam, à medida que as necessidades sociais mudam ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2016, p.19).

Conzen continuou analisando e desenvolvendo o conceito e o método de estudo da chamada região morfológica e, duas décadas seguintes ao lançamento de seus escritos, houve uma alteração significativa em sua linha de entendimento da estrutura urbana.

Enquanto em Alnwick, Conzen identificou uma hierarquia de quatro ordens de unidades de plano baseada principalmente numa leitura bidimensional das ruas, parcelas e edifícios, em Ludlow, o geógrafo identificou uma hierarquia de cinco ordens baseada não só no plano de cidade, mas também no tecido edificado e nos usos do solo (CONZEN *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 77).

Outro estudioso que deve ser citado é o geógrafo J. W. R. Whitehand, fundador o grupo *Urban Morphology Research Group* (UMRG). Em seus estudos, desenvolveu três conceitos para o entendimento da morfologia urbana: cintura periférica, ciclo de parcela burguesa e região morfológica (OLIVEIRA, 2016).

Ao analisar a denominada cintura periférica, sua linha de investigação por cinco décadas, Whitehand explora a relação entre este conceito morfológico e conceitos da economia urbana, incluindo ciclos de construção (Whitehand, 1972, 1975 *apud* OLIVEIRA, 2006). No início desse século, o autor realizou estudos sobre a interação entre proprietários, promotores e planejadores nos processos de desenvolvimento urbano e no processo de transformação da cintura periférica (OLIVEIRA, 2016).

Já a linha de investigação sobre as parcelas foi analisada por Slater, que usou da análise metrológica para traçar os limites antigas das parcelas. Utilizando como base dados das larguras presentes em Ludlow, pôde avaliar como os agentes buscaram desenvolver e modificar aquela área e sua divisão (REGO; MENEGUETTI, 2011).

E, por fim, a investigação através da região morfológica, desenvolvida durante as três últimas décadas, foi aplicada em diversos países do mundo. O conceito teve várias abordagens e implementadas de forma que houvesse uma identificação de hierarquias, que foram analisadas através de levantamentos como unidades de plano, unidades de forma construída e de uso do solo e, através destes, conseguiram notar em quais períodos temporais cada parte da cidade foi criada e quanto tempo durou o seu desenvolvimento, e se fez parte dos principais períodos históricos.

No que diz respeito aos modos de trabalho de morfologia urbana, eles podem ser divididos em estudos cognitivos e normativos (REGO; MENEGUETTI, 2011). O primeiro tipo, da escola inglesa que trabalham na linha de estudos de Conzen, buscam explicar a forma urbana. Em contrapartida, o segundo caso, da escola italiana inspirada em Muratori, visam determinar a maneira que a cidade deveria ser planejada futuramente.

Os pesquisadores ligados à morfologia urbana atentam para os resultados tangíveis de questões sociais, econômicas, políticas, ou seja, estudam a manifestação de ideias e intenções na medida em que elas tomam forma no chão e moldam as cidades (ROSANELI, 2011, p.12).

3.1 Formação de cidades: patrimônio religioso

Até o início do século XIX, o oeste paulista se encontrava com poucos acessos, e as raras vilas criadas, devido à passagem de tropeiros ou por decretos do governo para manutenção do território, tinham dificuldades para sobreviverem devido ao seu isolamento. Toda esta região ainda desocupada atraiu pioneiros mineiros, que estava com a economia abalada devido à decadência da produção de metais, pois “Estas terras devolutas estavam ali então para serem apossadas pelos mineiros, que trazem de sua terra natal suas técnicas de cultivo e modo de vida, desenvolvendo inicialmente uma agricultura de subsistência.” (DERNTL, 2013, p.77).

Posteriormente, a partir do meio do século XIX, a burguesia agrária implementou a produção de café no centro-oeste paulista, mudando a tradicional economia de subsistência para uma economia de mercado. Consequentemente há um aumento na densidade populacional considerável, e a igreja católica no Brasil se mostrou um elemento fundamental na formação destas cidades e na organização e desenvolvimento urbano do centro-oeste Paulista. Surgiu a criação dos Patrimônios Religiosos, sendo este o meio de formação das novas cidades do centro-oeste paulista (GHIRARDELLO, 2002).

Contam-se às dezenas as cidades fundadas na província de São Paulo entre 1850 e 1889, sendo, em sua esmagadora maioria, patrimônios religiosos. Atestam os próprios nomes dessas futuras cidades sempre precedidos por qualificações sacras, vindas dos padroeiros e padroeiras, gradativamente abandonadas em favor da denominação final, quase sempre ligada a fatores geográficos, frequentemente cursos d'água. (GHIRARDELLO, 2002, p.128)

Além da fé presente na sociedade, existiam outros importantes motivos para a doação de terras para a igreja. Com a criação de uma vila próxima a lavoura da concedente, atraía-se mão de obra para trabalhar nelas, o surgimento de comércios e serviços presentes em uma cidade e a possibilidade da passagem da ferrovia para escoamento do café. Também, sendo a igreja a responsável por registro de terras, quando um fazendeiro doava uma porção de suas terras, ele garantia a posse de todo o resto legalmente, sendo assim um meio de regularização da área apossada. Além destes motivos, com o possível surgimento de uma cidade em um patrimônio, as áreas próximas valorizavam consideravelmente (GHIRARDELLO, 2010).

Cabia, historicamente, à Igreja Católica no Brasil, a educação nos colégios, a evangelização dos indígenas, a criação de aldeais (e também de vilas), o cuidado e a salvação das almas; assim se tornava parte do Estado (GHIRARDELLO, 2010, p.80).

Outra importante frente de expansão e essencial para a criação de cidades no Centro Oeste Paulista foi a estrada de ferro. Esta se fez presente no centro-oeste paulista, devido à expansão cafeeira para o oeste, surgindo assim a necessidade do envio desta produção até o Porto de Santos. Com isso, houve um aumento na economia do centro-oeste paulista. Além do desbravamento de civilização em novas áreas, a consolidação do povoamento e a estabilidade de algumas frentes pioneiras em áreas sem infraestrutura e desprezadas até então pelo poder público.

As indústrias começaram a se formar nas proximidades das vias-férreas, o que explica a concentração industrial no estado de São Paulo, e em algumas cidades do centro-oeste. A ferrovia associada ao parque industrial trazia consigo também os grandes armazéns de café e cereais, indicando assim a aproximação de uma cidade de grande importância (GHIRARDELLO, 2002).

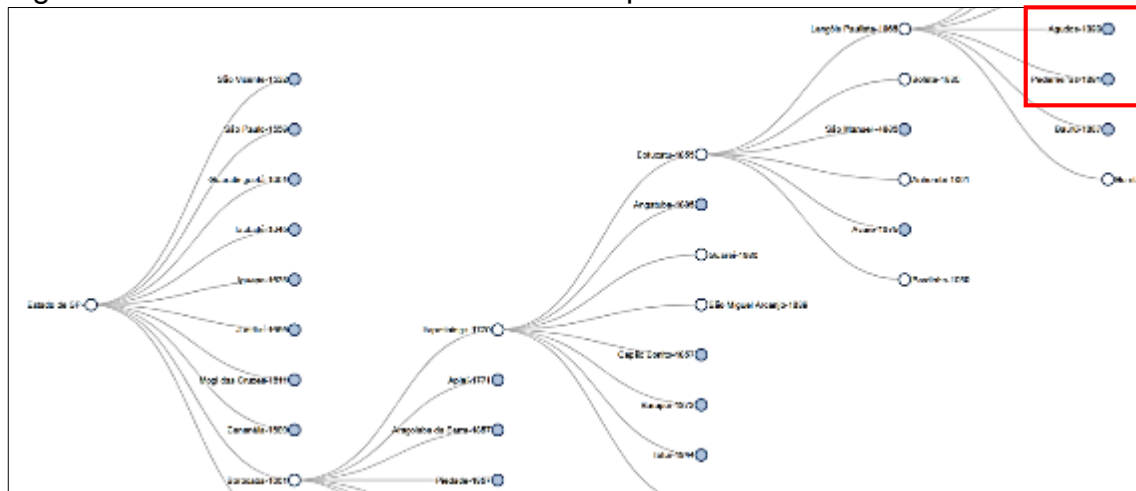
O elo entre importantes núcleos de povoação e, conseqüentemente, de importantes mercados de produção e de consumo, desempenhando papel primordial quer como forma de atividade industrial importante e pioneira, quer como meio de transporte carreando para as fontes de produção as matérias indispensáveis a outras indústrias, quer distribuindo aos mercados consumidores os produtos acabados (1969 apud MATOS, 1990, p.159).

Sendo assim, a estrada de ferro possuía uma grande importância no cenário do centro-oeste paulista, por ser a grande criadora de paisagens, incentivadora a colonização e migração interna, auxiliadora na agricultura e na indústria, fundadora

de cidades ou apenas reconfigurando-se, caracterizando estas cidades como ferroviárias.

As cidades de Pederneiras e Agudos, objetos desta pesquisa, estão localizadas no centro oeste paulista e ambas foram fundadas no final do século XIX aos moldes do patrimônio religioso, justamente durante a ocupação do centro oeste paulista (FERREIRA, 1957). Além disso, como pode-se observar na figura 01, ambas as cidades tiveram a mesma origem de desmembramentos: Sorocaba: 1661; Itapetininga: 1770; Botucatu: 1855; Lençóis Paulista: 1865; por fim Agudos: 1898 e Pederneiras 1891.

Figura 01: Desmembramentos das cidades paulistas



Fonte: SEADE, 2017.

4 FORMAÇÃO URBANA DE PEDERNEIRAS E AGUDOS

Nesta etapa serão apresentados os documentos analisados e as pesquisas realizadas sobre a formação dos municípios de Pederneiras e Agudos, demonstrando suas formações iniciais e os principais acontecimentos históricos.

4.1 PEDERNEIRAS

Juntamente desta evolução, a igreja católica no Brasil se mostrou um elemento fundamental na formação das cidades e desenvolvimento urbano do centro-oeste Paulista durante o avanço do café em meados século XIX.

Até meados do século XIX, todo o oeste do estado de São Paulo se encontrava pouco explorado e com difíceis acessos. As poucas vilas criadas, devido à passagem de tropeiros ou por decretos do governo para manutenção do território, como Campinas, Piracicaba, Botucatu, Itapeva e Itapetininga, tinham dificuldades para sobreviverem devido ao seu isolamento. Toda esta região ainda desocupada atraiu pioneiros do estado vizinho, Minas Gerais, que estava com a economia abalada devido à decadência da produção de metais. Estas terras devolutas estavam ali então para serem apossadas pelos mineiros, que trazem de sua terra natal suas técnicas de cultivo e modo de vida, desenvolvendo inicialmente uma agricultura de subsistência (DERNTL, 2010).

Nesse contexto, o território do município de Pederneiras permanecia ocupado por indígenas caingangues até 1840, e também chegavam várias pessoas do estado de Minas Gerais que buscavam escapar do recrutamento para a Revolta Liberal, através do riTietê. Nomes como Pinheiro Machado, fundador da fazenda Monte Alegre, formou o pequeno povoado Nossa Senhora das Dores do Cimo da Serra, que atualmente equivale a cidade de Botucatu e, a partir do núcleo de Botucatu, surgiram os bairros rurais Espírito Santo da Fortaleza e Lençóis. A paróquia de Botucatu era quem organizava a distribuição das terras da cidade, na qual eram vendidas por cerca de dois mil réis para os que chegavam (SOUZA, 2011).

Os primeiros posseiros do território foram os sertanistas Manoel dos Santos Simões e seus filhos Manoel Leonel dos Santos e João Leonel dos Santos, que chegaram em 1848 criando a “Fazenda Pederneiras”. A Fazenda pertencia a Botucatu, que em meados de 1850, era o maior núcleo de povoamento do sertão oeste

paulista (ROSA, 2020). Dez anos depois da criação da primeira paróquia, o território foi elevado à categoria de freguesia e, por decreto, após campanha liderada pelo Coronel Coimbra, em 1865 criou-se o município São Sebastião da Alegria e, posteriormente, Pederneiras (SOUZA, 2011).

Por volta da década de 1880, 8% da população da região do Oeste Paulista vivia no município (FERNANDES; DOMINGUES, 2018 *apud* ROSA, 2020) e a partir da década de 1880 e 1890 muitos imigrantes de várias nacionalidades começam a se instalar na região: povos árabes, espanhóis, italianos, japoneses, letos e portugueses (ROSA, 2020).

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Pederneiras:

Em 14 de junho de 1887, Aureliano Gonçalves da Cunha e a esposa doaram um alqueire de terra para a construção da Igreja, marcando na escritura o prazo de seis anos para a realização da obra sob pena de reverter à gleba ao patrimônio dos doadores. (HISTÓRIA DE PEDERNEIRAS, 2022).

Em 1892, iniciou-se a campanha para a criação da Comarca de Pederneiras e em 2 de setembro do mesmo ano, foi criada a Paróquia de Pederneiras, no local onde está a Travessa Anchieta nos dias atuais, e quando foi nomeado o Vigário Padre Nicolau Scoraquio (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020). A capela se tornou referência para a região que incluía distritos e bairros como Bauru, Espírito Santo da Fortaleza e Agudos.

O grande número de cerimônias lá realizadas se relaciona, seguramente, à considerável população que habitava o entorno daquele incipiente núcleo urbano que se tornara freguesia em 1889 e município em 1891 (FERNANDES; DOMINGUES, 2018 *apud* ROSA, 2020, p.85).

Em 23 de maio de 1894, o município passou a adotar o nome de Pederneiras, por decisão unânime na Câmara. Em 1896, Pederneiras possuía 89 casas, todas na atual rua 9 de julho. Nas ruas Municipal (atual Siqueira Campos), Coronel Coimbra e 15 de novembro, a Vila ficava à esquerda do Ribeirão Pederneiras, enquanto na margem direita se encontrava uma floresta densa, com duas exceções: a olaria de Alberto Borsetto (que depois passou a pertencer aos irmãos José e Camilo Razuk) e uma casa de Eliazar Braga, no caminho para o Porto de Lençóis” (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020, p.98).

O povoamento da cidade estava vinculado à implantação de ferrovias no oeste do estado, principalmente em Bauru, que era um nó ferroviário: “A Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que desde 1887 chegava à Jaú, atinge Pederneiras em 1904” (FARRENERG, 1998 *apud* ROSA, 2020, p. 41).

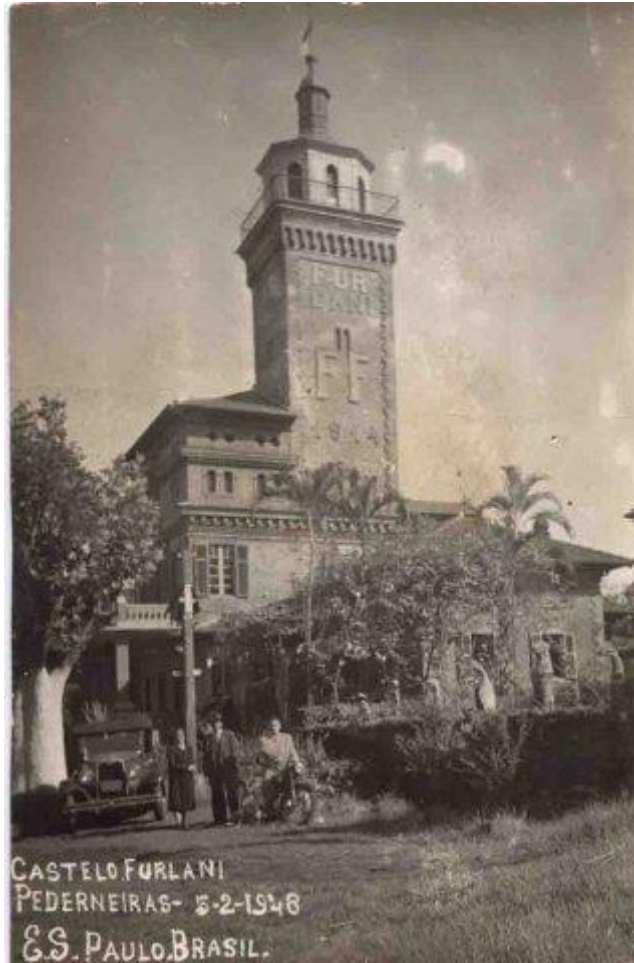
Em 1904, a estrada de ferro chegou à cidade pela Companhia Paulista que trazia perspectivas de desenvolvimento que se estruturaram em torno de obras mais necessariamente imediatas como a da Santa Casa Municipal e a da ponte sobre o rio Tietê (SOUZA, 2011, p. 25).

Ainda de acordo com estudos de Souza (2011)

De 1909 a 1919 Pederneiras teve um desenvolvimento rápido. Houve o surgimento de pontes e igrejas, um sistema de energia elétrica, limpeza pública e completou-se o saneamento básico levando água e esgoto para a parte baixa da cidade; foram fundados jornais locais; construiu-se o matadouro e o Grupo Escolar (Grupo Escolar de Pederneiras, tempos depois chamado Grupo Escolar Eliazar Braga, em homenagem à atuação política de um coronel). O prédio tornou-se rapidamente um dos símbolos desse desenvolvimento da região, um monumento, construído na parte alta da cidade (revelando a cessão de um local privilegiado).

A intenção inicial era que Pederneiras, pertencente a Comarca de Lençóis passaria ao município de Jaú, enquanto Barra Bonita (que era de Jaú) passaria a pertencer a Lençóis. Porém, antes que isso acontecesse, em 12 de dezembro de 1927, sob o decreto n 2.222, foi criada a Comarca de Pederneiras, sendo instalada apenas em 26 de abril de 1928, sob a gestão do prefeito Fausto Furlani (ROSA, 2020). Após o ato oficial, houve comemoração no Castelo Furlani, casa do prefeito; o castelo costumava ser o palco para muitas comemorações oficiais do Município, porém a partir da década de 60, a vida política no castelo foi perdendo força e passou a ganhar importância histórica e turística (DARLO, 1991c *apud* ROSA, 2020, p. 169).

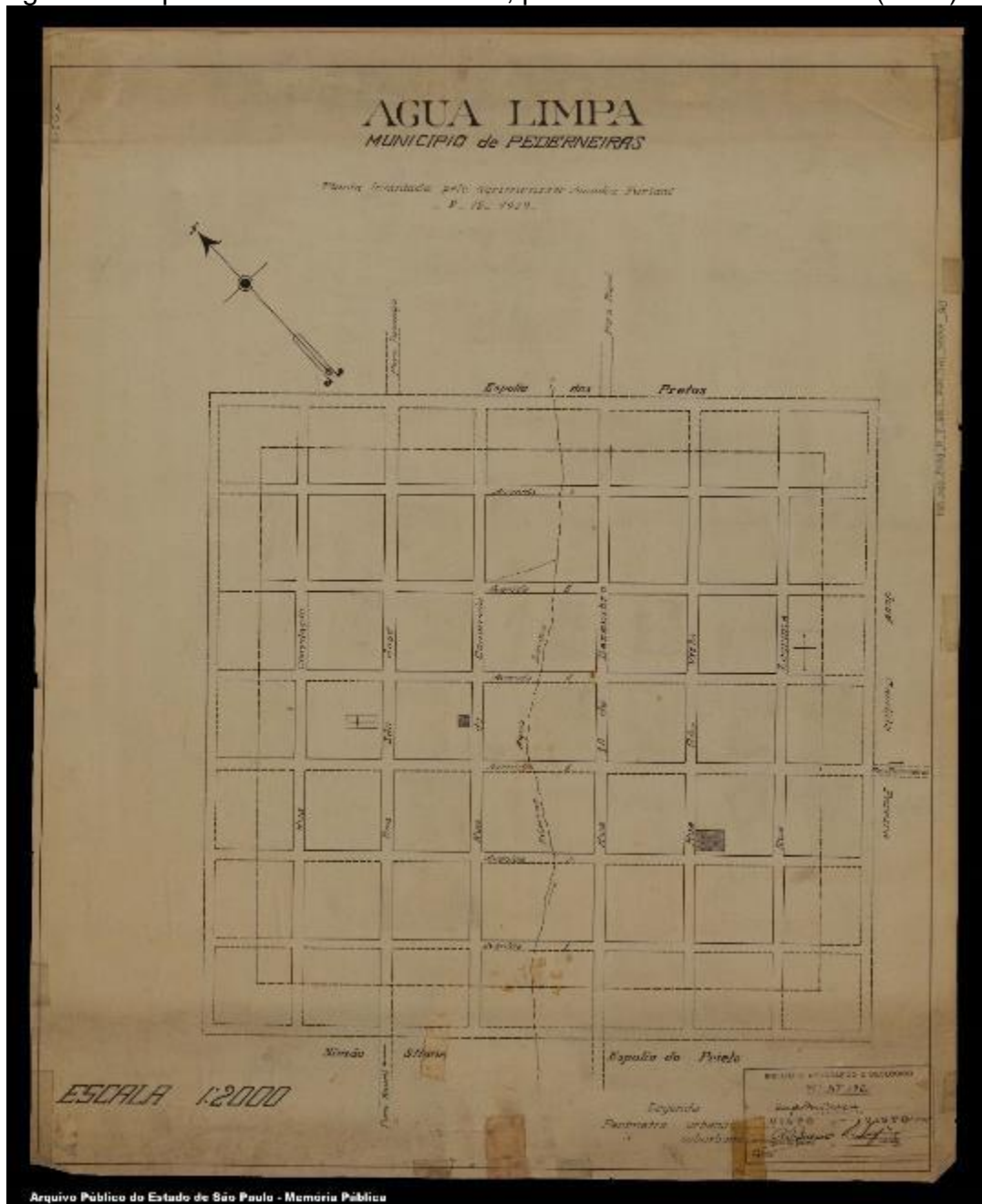
Figura 1: Foto do Castelo Furlani (1948)



Fonte: Acervo online do Baú de Memórias.

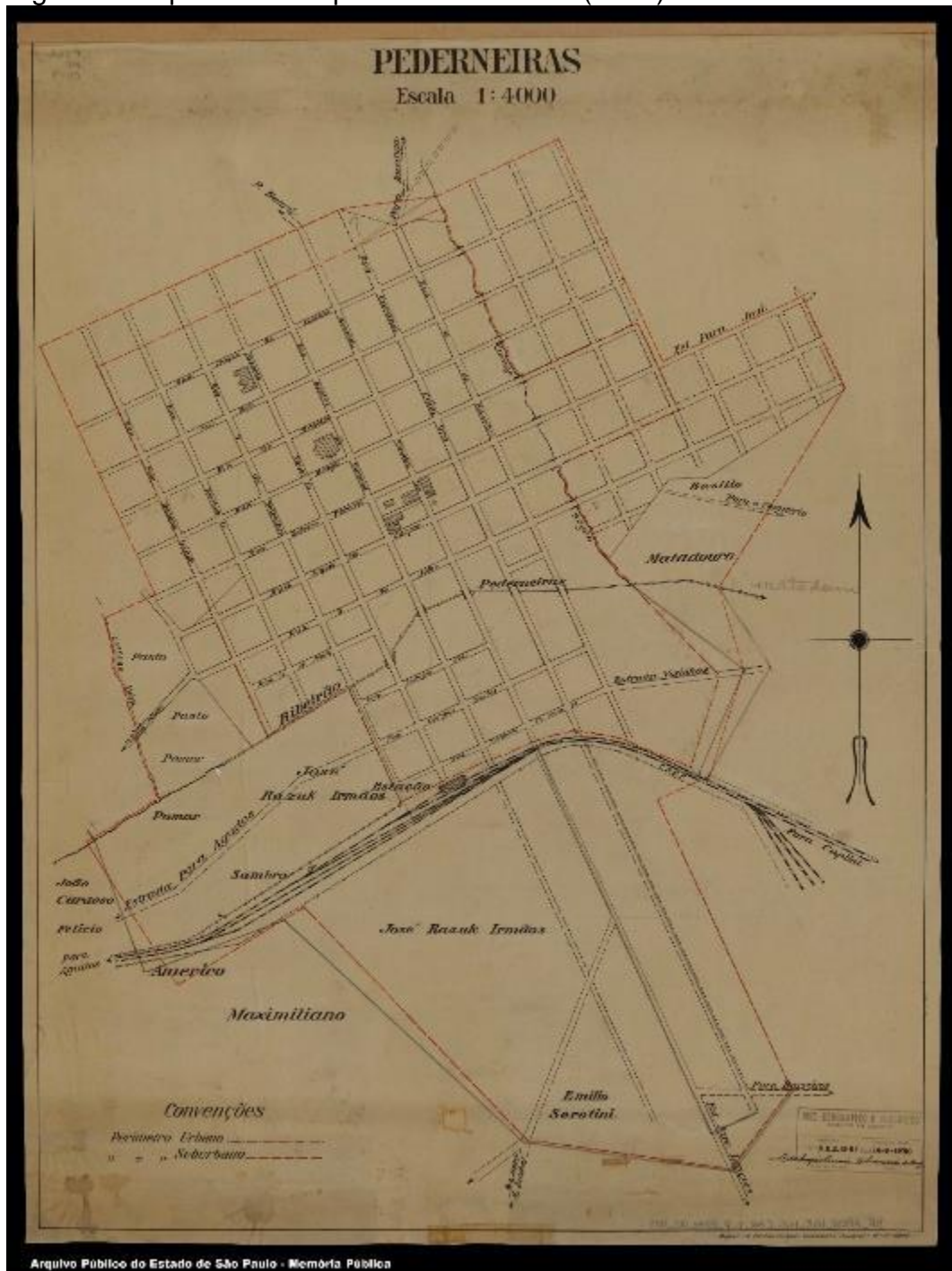
Pode-se observar que a cidade se desenvolvia de modo reticular e ao norte da linha férrea, tendo a igreja como centro, porém não se tem a marcação de muitas edificações (Figuras 2 e 3).

Figura 2: Mapa do Distrito de Santelmo, pertencente a Pederneiras (1939)



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Figura 3: Mapa do município de Pederneiras (1930).



FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Na década de 1950, o município contava com 24 logradouros, sendo 14 pavimentados, 6 ajardinados e 42 são iluminados. Da área pavimentada, 25% da área da cidade é com asfalto e 35% com paralelepípedo. No comércio, segundo Ferreira (1957):

[...] o município mantém transações com as praças de São Paulo e Bauru. Importa: tecidos em geral, gasolina, farinha de trigo, ferragens, óleo, sal, açúcar e bebidas alcoólicas". Ainda segundo dados levantados pelo autor do

Censo de 1950, havia 17804 habitantes, sendo 62% na zona rural. As aglomerações urbanas se dividiam entre a sede e as vilas de Guaianás, Santelmo e Vanglória (FERREIRA, 1957, p. 250).

Com a instalação da Comarca, Pederneiras se tornou independente da tutela jurídica da Comarca de Jaú e teve como primeiro juiz, o Dr. José Augusto de Lima; em 1953, a Comarca constituía-se dos municípios de Pederneiras, Arealva (ex distrito de Soturna), Jacanga e Macatuba e dos distritos Santelmo, Guaianás e Vanglória (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020, p. 171).

No mapa de Pederneiras de 1954 (figura 4), pode-se observar a continuação da malha urbana para o lado direito, com uma pequena mudança de sentido da via que levava a Praça de Esportes e ao cemitério.

Figura 4: Mapa do Município de Pederneiras (1954)



FONTE: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

No ano de 1975, a instalação da multinacional Equipamentos Clark Ltda (atual Volvo), trouxe um grande aumento populacional para o município. Instalada durante a gestão do prefeito Michel Neme, essa indústria era fabricante de pás-carregadeiras e outras máquinas e chegou a empregar mais de mil pessoas. Diante disso, houve a necessidade de construir núcleos residenciais, com a Prefeitura Municipal de Pederneiras em parceira com a COHAB (Companhia de Habitação Popular de Bauru). Foram instalados 4 centros comunitários para a promoção social da população mais vulnerável: os núcleos habitacionais Dom Pedro I, Prefeito Michel Neme, Dom Pedro II e Dr. Antônio De Conti. Ainda segundo o autor, na gestão seguinte o prefeito Giácomo M. Bertolini criou o programa “Nosso Teto” que contou com a construção de 133 moradias (ROSA, 2020).

4.1.1 Atividades Econômicas

Durante as décadas de 30 e 40, Pederneiras também foi afetada pelas consequências econômicas da crise de 1929, que levou à crise do café no Brasil. O café foi substituído pela lavoura de algodão, a pecuária e a cana” (ROSA, 2011, p. 171).

A crise do café provocou o êxodo rural, proporcionando o abandono dos imóveis rurais e, conseqüentemente, desenvolvimento da cidade, que passou a receber esses trabalhadores.

Segundo ROSA (2020, p. 176), “o município passou a se desenvolver por meio do setor oleiro-ceramista, sendo a cerâmica a maior riqueza do município depois do café, na primeira metade do século XIX”. Várias cerâmicas foram surgindo, devido a grande quantidade de barro e argila; eram dezenas os estabelecimentos que forneciam tijolos, manilhas e telhas para a Companhia Paulista e para todo o estado de São Paulo, empregando centenas e centenas de trabalhadores. Por conta disso, a cidade passou a se expandir na direção noroeste, onde se instalaram as cerâmicas Romero e São João e, no outro lado da ferrovia, no sentido sudeste, onde foram implantadas cerâmicas como Massad e Fornazari (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020).

Porém, durante a década de 1960, com a construção da Usina Bariri, várias jazidas de argila que alimentavam as unidades oleiro-ceramistas foram inundadas: em 1966, 2,8% das terras do município foram soterradas. Cerca de 30 olarias cerâmicas

foram extintas, deixando 4500 pessoas desempregadas, sendo que na época a cidade tinha apenas 18 mil habitantes (DARLO, 1991b *apud* ROSA, 2020).

A partir dos anos 80, a lavoura canavieira passou a ser a principal atividade agrícola (ROSA *apud* FARRENERG, 1998), cujo produto era transformado em açúcar e álcool pela indústria do Grupo Zilo-Lorenzetti, do município de Macatuba, que empregava seis mil trabalhadores, com oscilação na entre-safra (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020).

Ainda na década de 1980, surgiu a ideia de instalação do Porto Fluvial em Pederneiras, e se concretizou em forma de plano em 19 de novembro de 1983, quando dirigentes municipais e representantes dos diversos Estados envolvidos na construção da Hidrovia, se reuniram com o então prefeito de Pederneiras Giácomo M. Bertolini para traçar metas e enviar a solicitação de implantação ao Governo Federal (PENTEADO, 1988 *apud* ROSA, 2020).

O ponto ideal para a implantação do porto, que estabelecerá a integração hidrovia-rodovia-ferrovia, localiza-se na região de Pederneiras, próximo a Jaú e Bauru, onde a linha da Fepasa, cruza o rio Tietê. Uma vez conectado por ferrovia com a refinaria de Paulínea, o porto intermodal da região de Pederneiras dará escoamento do petróleo para o interior paulista, Mato Grosso do Sul e Goiás. E desses três pontos convergirão os carregamentos de grãos, madeira, gado e outros produtos para São Paulo e porto de Santos, para exportação (ROSA *apud* Jornal Tribuna dos Municípios, 1985, p.5)

O Terminal foi concebido por meio de acordos entre a iniciativa pública e privada, sendo a tarefa do setor privado providenciar a construção de suas respectivas empresas na vila industrial e do setor público: gerenciar o porto, desapropriar as terras necessárias, fornecer energia, fazer as obras de terraplanagem e melhorar as rodovias no entorno. Quatro órgãos eram responsáveis por instalar e fazer a operação no Terminal: DERSA, FEPASA, CESP e a prefeitura (ROSA, 2020, p. 185).

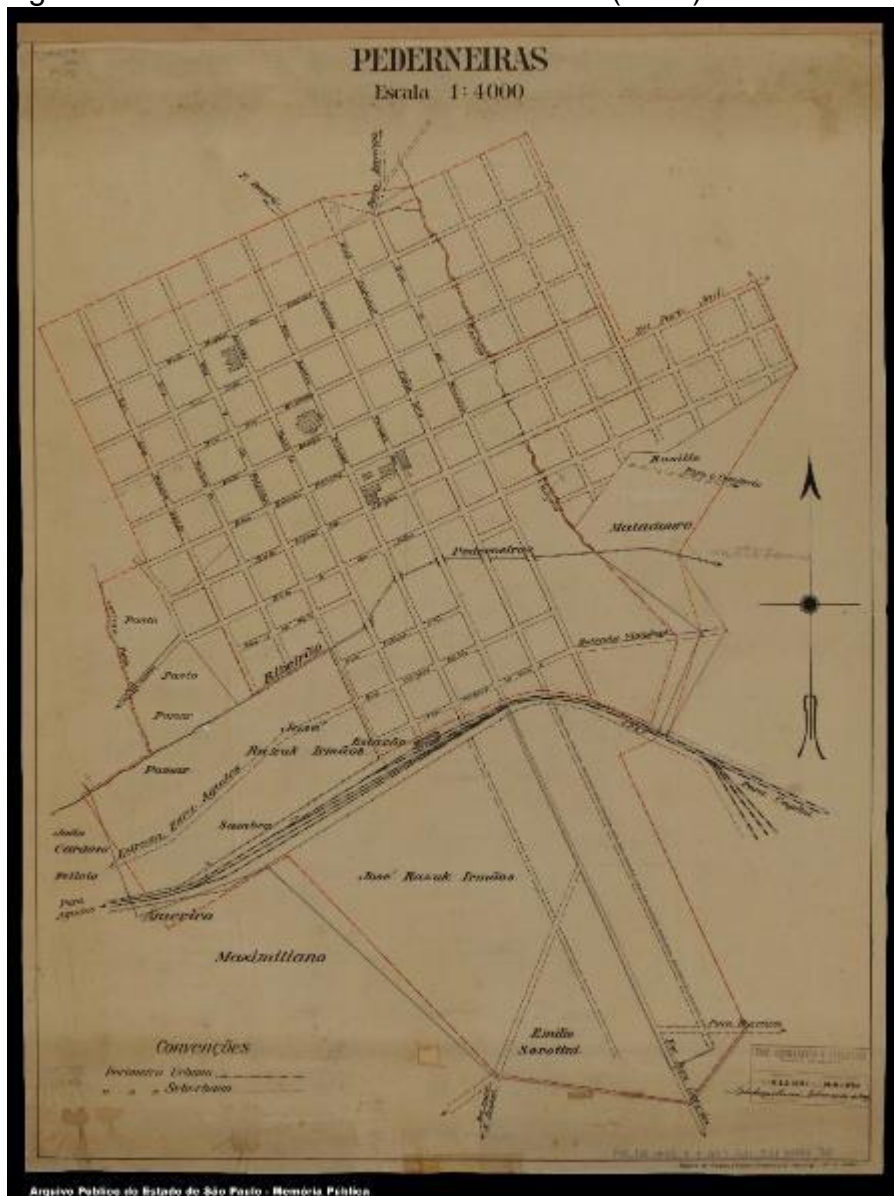
Em 31 de janeiro de 1990, o prefeito Fernando A. Mingui e vice Rubens Emil Cury, utilizando-se das atribuições legais da lei no 4.132 de 10 de setembro 1962, estabeleceram a desapropriação de 9 imóveis, por via amigável ou judicial, por serem declarados 186 de interesse social para a instalação do Terminal Intermodal de Cargas, sob o decreto 1.335. Em 8 de abril de 1992, a partir da lei 1.796, foi autorizado a concessão de direito real do uso de áreas para implantação do Terminal e início das obras. Em 4 de junho de 1993, aconteceu a inauguração do Porto Intermodal de Pederneiras, com a presença do governador do estado Luiz Antônio Fleury Filho, com as expectativas de desenvolver a região e de abrir mais uma porta para o Mercosul, a partir de inserção da região centro oeste do Estado (FERNANDES, s.d. *apud* ROSA, 2020).

4.1.2 Análise da malha urbana

Pederneiras, como já tratado anteriormente, teve sua formação e desenvolvimento atrelado a Igreja e a implantação da ferrovia, assim como aconteceu com outras cidades da região. A presença da ferrovia foi um fenômeno essencial nas cidades do Centro-Oeste Paulista. A construção dessas teve como principal essência a interligação com as cidades produtoras da agricultura do café - que na época era uma das principais manufaturas que rendia grandes lucros ao mercado – a capital e aos portos. Além disso, para que uma vila ou município passasse a ser reconhecido como tal, era necessário que possuísse acesso no local, papel que a ferrovia desenvolvia com muita eficiência, e com isso proporcionava crescimento econômico e a formação e expansão urbana do sítio. (GHIRARDELLO, 2010).

A formação inicial da malha do município era projetada entre a linha férrea e o Ribeirão Pederneiras. No mapa abaixo (figura 6), pode-se analisar que a malha da cidade foi estruturada de forma reticulada, tendo a Igreja ao centro. No limite inferior da malha, encontra-se a linha férrea, pertencente a Companhia Paulista, que foi muito importante para o desenvolvimento do município e que muda o desenho urbano. Nota-se que as quadras que são maiores estão cortadas pelos traçados do Córrego Mojolo (vertical) e do Ribeirão Pederneiras (horizontal), que se cruzam no canto inferior direito na área do Matadouro.

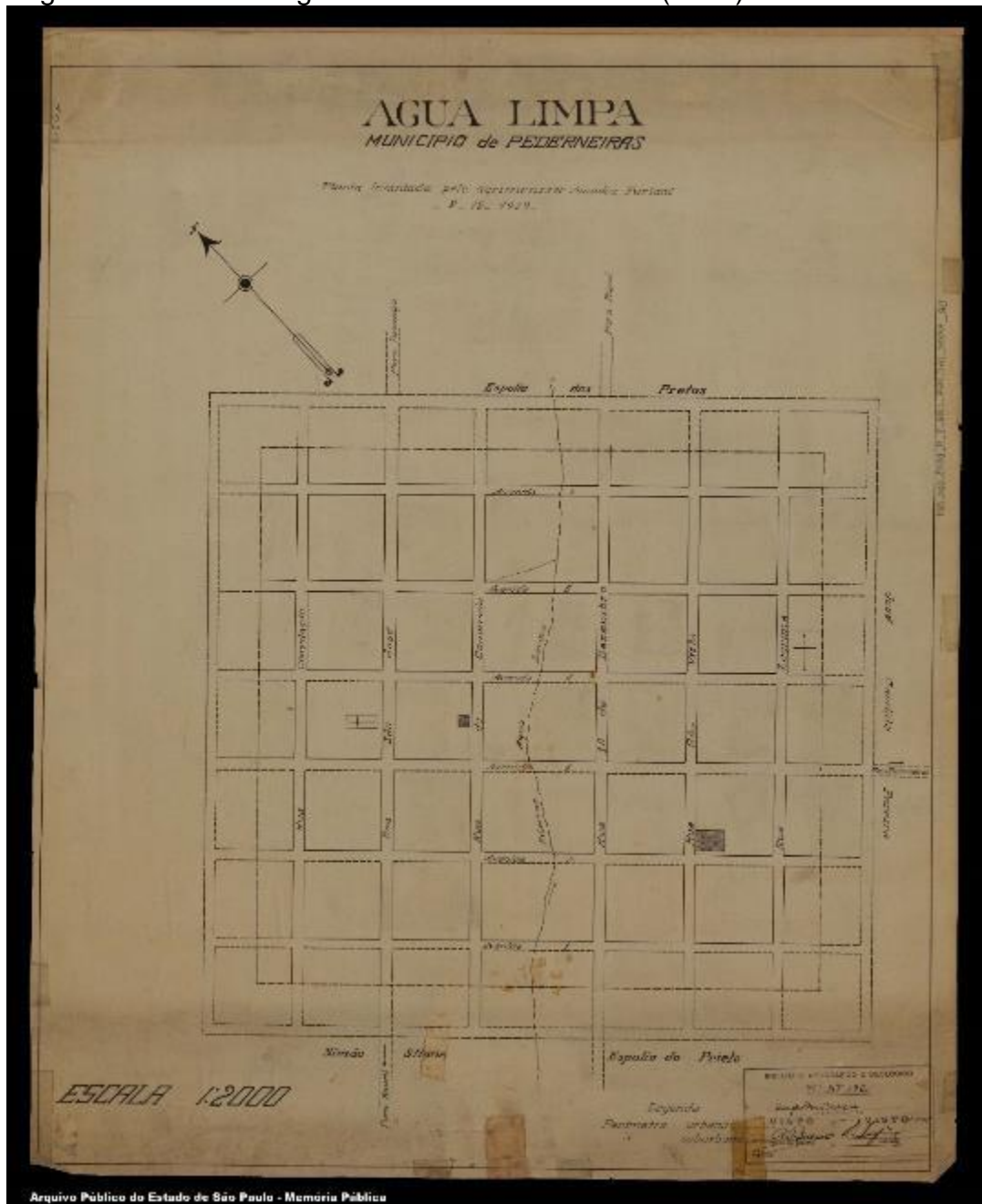
Figura 6: Planta da cidade de Pederneiras (1930).



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O modo como a região central do município se distribuiu foi replicado também em seu distrito. No mapa abaixo, é possível ter uma noção maior do formato da malha na região Água Limpa, no distrito de Santelmo. O traçado urbano dessa região segue o modelo da região central do município, tendo uma malha reticulada, ao centro a passagem do Ribeirão Água Limpa e a presença da Igreja de vertente Católica como referência.

Figura 7: Planta da região central de Pederneiras (1939).



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Como não se tem marcações de quais quadras tinham edificações, não é possível analisar o quanto essa região cresceu em termos de habitantes. Analisando a distribuição da área atualmente, pode-se observar que a parte retratada no mapa de 1939 é praticamente a mesma, com exceção da área na parte inferior da imagem.

Figura 8: Imagem de satélite do Distrito de Santelmo (2022).



Fonte: Google Earth.

Com relação a área urbana do município, na figura 9 é possível identificar que a Igreja se manteve como o centro da malha e que o desenho reticular foi mantido em praticamente toda a sua distribuição. A linha férrea e a área do antigo matadouro ainda são marcantes no traçado urbano. Em vermelho, está marcada a Igreja e a linha amarela representada a linha férrea.

Figura 9: Imagem de satélite da cidade de Pederneiras (2022).



Fonte: Google Earth.

Com o crescimento de Pederneiras, a malha urbana dos dias atuais apresenta diferenças da parte central do início de sua formação. Ao observar a área total do município, nota-se que o formato reticulado está presente em quase todas as partes, porém não estão de um modo contínuo. A partir do centro que se representa desde 1930, a distribuição das quadras foi realizada em sentidos diferentes. Também o marco do limite inferior do território do município mudou, tendo uma quantidade considerável de lotes além da linha férrea.

Figura 10: Pederneiras (2022), em azul, a área do mapa de 1930.



Fonte: Google Earth.

4.2 AGUDOS

A cidade foi fundada em 27 de julho de 1898, sendo inicialmente chamada de São Paulo dos Agudos, devido ao padroeiro do município. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no século XIX, a região do município era habitada pela tribo dos caingangues e o começo da ocupação e formação de Agudos é feita com a vinda de paulistas e mineiros. Entre os principais nomes temos Faustino Ribeiro da Silva, que veio para a região em meados de 1853 e adquiriu grandes terras. Quatro décadas depois, doou uma de suas posses para a Igreja onde foi construída a primeira capela, em torno da qual o município se desenvolveu (IBGE, 2010; FERREIRA, 1957).

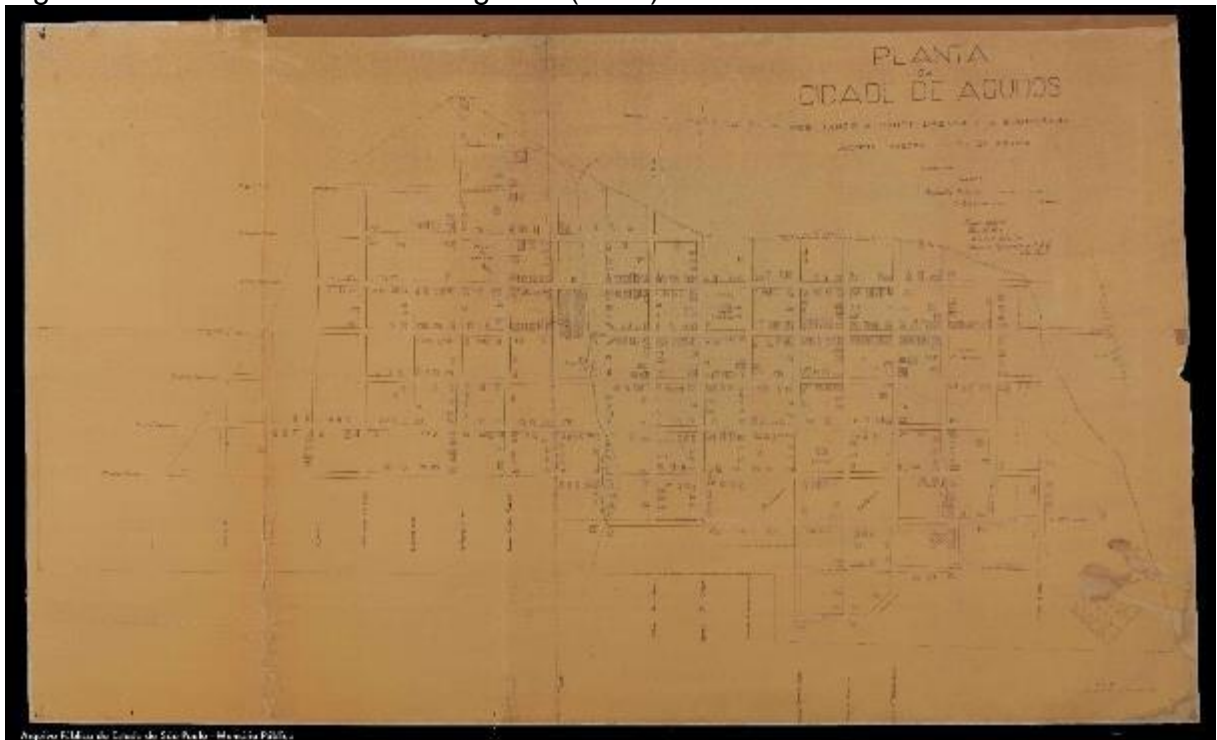
Na década de 1980 chegaram os agricultores Delfino Alexandrino de Oliveira Machado, pessoa influente no campo político, e seu genro Benedito Ottoni de Almeida Cardia, atraídos pela melhor qualidade das terras para o plantio de terra. O até então

Distrito Policial, foi elevado a Distrito da Paz em 1897, transformado em Município em 1898 e recebeu sua primeira Câmara Municipal em 1899, com o Coronel Joaquim Ferreira Souto como Presidente e Benedito Ottoni de Almeida Cardia como intendente. A comarca, anteriormente com sede em Lençóis Paulista, foi transferida para São Paulo de Agudos através da Lei n.º 635, de julho de 1899, por onde também foi elevada à categoria de Cidade.

Um ponto importante para o desenvolvimento de São Paulo de Agudos foi a chegada de famílias de origem italiana, portuguesa e espanhola, que contribuíram para a mão de obra (FERREIRA, 1957).

Na figura 5 mostra-se um mapa da cidade do final da década de 1930, onde é possível observar a malha reticulada e a densidade de construções principalmente na área central.

Figura 11: Planta da cidade de Agudos (1938).

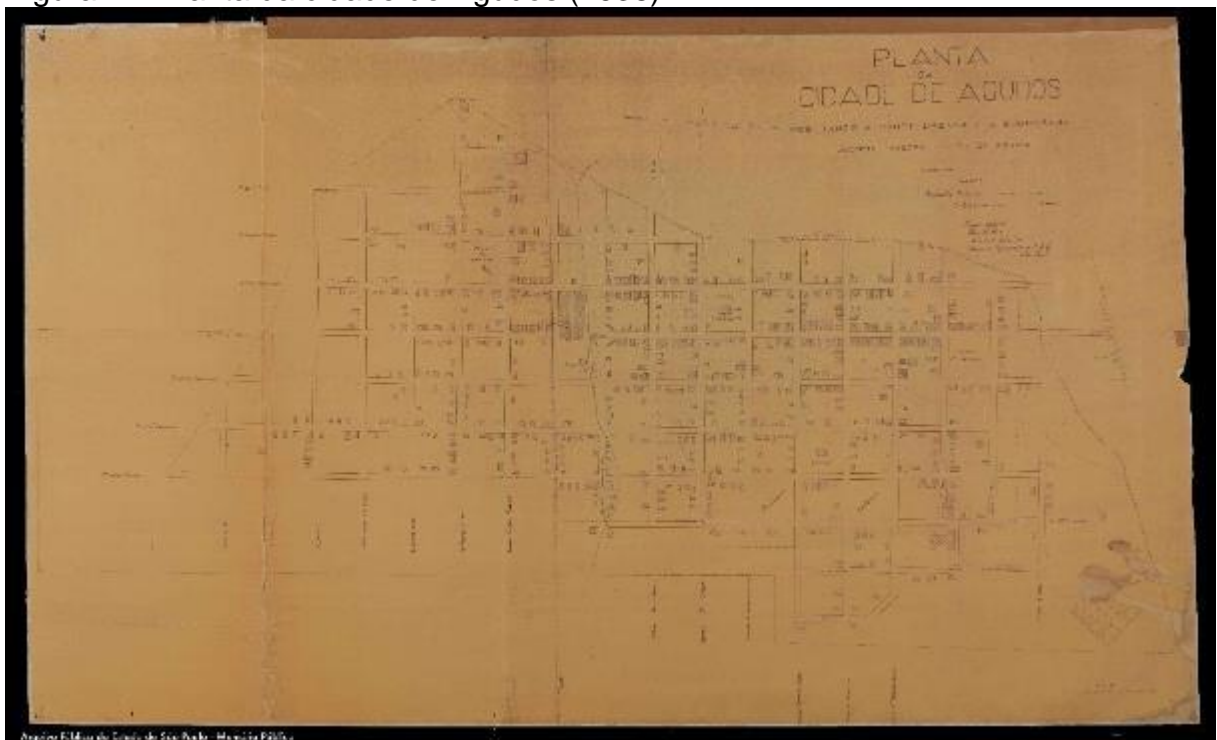


Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

4.2.1 Análise da malha urbana

Assim como foi observado na formação e crescimento da malha urbana de Pederneiras, Agudos teve como base central a presença da Igreja Católica, construída em terras doadas por posseiros. A distribuição foi feita de modo retilíneo e os lotes demarcados como edificações estavam mais concentrados na região central no mesmo sentido que a Igreja se encontra.

Figura 12: Planta da cidade de Agudos (1938).



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A cidade de Agudos cresceu consideravelmente do final da década de 1930 até os dias de hoje. A formação inicial da área central se mantém da mesma forma, se prolongando nessa malha retilínea até o limite sul do município. Nos outros sentidos, as vias e, conseqüentemente, as quadras, sofrem uma triangulação nos pontos de interligação com a região central.

Na imagem abaixo (figuras 12 e 13), está retratada a região central na atualidade. Em vermelho, a localização da Igreja e em verde, o Estádio que, no mapa de 1938, tem apontado como duas quadras separadas.

Figura 12: Imagem da cidade de Agudos (2022).



Fonte: Google Earth (modificado pelo autor).

Figura 13: Imagem da cidade de Agudos (2022).



Fonte: Google Earth (modificado pelo autor).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades analisadas, Pederneiras e Agudos, tiveram em sua formação ligada ao Patrimônio Religioso, e teve seu crescimento urbana com a chegada da estrada de ferro na cidade que possibilitou o desenvolvimento econômico, político e social, além da cultura cafeeira da época.

Ambas se distribuíram de forma parecida, com a malha urbana inicial reticular, feita em um centro com a presença da Igreja como ponto de destaque, e com sua expansão tendo praticamente a mesma malha, mas em diferentes direções do centro, fazendo com que o traçado atual não esteja de uma maneira uniforme em toda sua extensão.

Essa pesquisa deixa evidente a importância de compreender a história da formação das cidades e como evoluíram até as configurações atuais, possibilitando que entendamos a raiz de problemas urbanos, a fim de buscar soluções cabíveis para cada situação.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo – Documentos Cartográficos do IGC (seleção de documentos)**. Governo do Estado de São Paulo, São Paulo. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/cartografico/documentos_cartograficos. Acesso em: 20 mar. 2022.

Baú de Memórias Pederneiras SP: Galeria de Imagens. Disponível em: <<http://baudememorias.pederneiras.sp.gov.br/index.php/galeria-de-imagens/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

DERNTL, Maria Fernanda. **Método e Arte: criação urbana e organização territorial na capitania de São Paulo, 1765-1811**. São Paulo; Alameda, 2013. 280p..

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. 1957. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 1957. Vol. XXIX, p. 248-252.

GHIRARDELLO, Nilson. **À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A formação dos patrimônios religiosos no processo de expansão urbana paulista (1850-1900)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

Google Earth website. Disponível em: earth.google.com, 2022.

História do Município. Prefeitura Municipal de Agudos. Disponível em: <https://agudos.sp.gov.br/cidade>. Acesso em: 15 fev. 2022.

História de Pederneiras. Prefeitura Municipal de Pederneiras. Disponível em: <https://www.pederneiras.sp.gov.br/portal/servicos/1003/historia-de-pederneiras/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agudos**. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/agudos/historico>. Acesso em: 15 fev. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pederneiras**. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pederneiras/historico>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil terra de quem?** São Paulo: Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

MATOS, Odilon Nogueira. **Café e Rodovias: A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira**. São Paulo: Pontes, 1990.

PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 198 p.

REGO, Renato Leão; MENEGUETTI, Karin Schwabe. **A respeito de morfologia urbana**. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. Acta Scientiarum. Technology, v. 33, n. 2, p. 123-127, 2011.

ROSANELI, Alessandro Filla. **A morfologia urbana como abordagem metodológica para o estudo da forma e da paisagem de assentamentos urbanos**. VI Quapá-Sel, São Paulo, 2011.

ROSA, Gabriela. **Por uma resignificação do Rio Tietê no Oeste Paulista: Barra Bonita e Pederneiras**. 2020. 309 f. Dissertação – (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194515>>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SOUZA, Luiza Aparecida de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. 2011. 420 f. Tese – (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102092>>. Acesso em: 23 nov. 2021.